

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

CAMILLA PEREIRA LUIZ

**ESTÁGIO/PIBID COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE
CONHECIMENTO: UM PROJETO DE ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

FLORIANÓPOLIS

2017

CAMILLA PEREIRA LUIZ

**ESTÁGIO/PIBID COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE
CONHECIMENTO: UM PROJETO DE ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina Seminário de Conclusão de Curso II, do Curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, como pré-requisito à aprovação. Departamento de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Pereira dos Santos.

Coorientador: Prof. Me. William das Neves Salles.

FLORIANÓPOLIS

2017

CAMILLA PEREIRA LUIZ

**ESTÁGIO/PIBID COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE
CONHECIMENTO: UM PROJETO DE ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado na disciplina Seminário de Conclusão de Curso II (DEF 5875), do curso de licenciatura em Educação Física. Departamento de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina.

Nota_____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rogério Santos Pereira
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Me. William das Neves Salles
Coorientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Me. Ângelo Luiz Brüggemann - Examinador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Rafael Spinelli - Examinador
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 12 de dezembro de 2017.

*“Estágio é aprender com as
crianças a ser professora”.*

(Crianças do grupo 6A - Núcleo de Educação Infantil/PMF)

*Dedico este estudo às crianças, que me ensinaram a ser
professora e tornando possível este trabalho.*

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a minha vida, as oportunidades que tive/tenho e as pessoas que me cercam e deixam tudo mais leve.

Meus pais, José Nivaldo e Sandra, por serem minha grande fortaleza, as pessoas que sempre me apoiaram na minha decisão de ser professora. Sem eles esse momento seria impossível.

Aos meus irmãos, Heloisa e Luccas, pelo zelo e palavras de incentivo nos momentos de desânimo na construção deste trabalho, por me incentivarem e depositarem em mim tanta confiança.

A minha afilhada Lara, por deixar eu ver o mundo com suas lentes, despertando em mim cada vez mais a vontade de fazer melhor como dinda e como Professora.

A Karolzinha, por sua amizade de tantos anos e momentos. Te amo!

Ao meu Orientador Professor Rogério, por acreditar em mim e me deixar cada vez mais encantada pela Educação Física, nossas conversas e trocas foram fundamentais para o meu crescimento pessoal e profissional.

Ao William, meu coorientador, que além de ser uma pessoa incrível, é um profissional dedicado que, durante esse período sempre se mostrou muito prestativo querendo me ajudar. Aprendi muito com você.

Aos amigos que a UFSC me deu e que carinhosamente eu chamo de presentes, os colegas da 2013.1 destaque, a minha querida panela: Cláudio, Felipe, Jéssica Sandra, Jéssica Suellem e Vivian. Obrigada por se mostrarem tão maravilhosos durante todos esses anos e compartilharem tantos momentos comigo. A Vitória e Fran por serem tão iluminadas, alegrando meus dias mesmo nos momentos de aflição na construção deste trabalho. Obrigada pela parceria nessa reta final do curso.

Em especial, agradeço a Jéssica Sandra que além de ser minha amiga, parceira na faculdade, formando dupla comigo nos ESEF e PIBID, é uma professora que eu aprendi a admirar, te agradeço por cada experiência compartilhada e conhecimento construído, este trabalho tem muito de você também.

Agradeço a todos os professores a quem tive a oportunidade de conhecer e ser aluna, de alguma forma eles foram importante na minha vida. Em especial

professor Jaison, por compartilhar comigo tanto conhecimento e me mostrar uma Educação Física que eu não sabia que existia.

Agradeço também, a instituição de ensino na qual estive inserida nesses anos de graduação e que faz parte deste trabalho. A todo corpo que integra a instituição, principalmente as professoras de sala e Educação física que me acompanharam no ESEF/PIBID, meu muito obrigada por terem me acolhido tão bem.

Agradeço às crianças, todas, que eu tive o prazer e a alegria de conviver durante esses anos. Obrigada, por serem tão espontâneas, por serem tão carinhosas, pelos beijos, abraços e desenhos a mim entregues, minha saudade é constante.

A todas as pessoas, que de alguma forma em algum momento estiveram presente na minha vida e indiretamente me ajudaram a chegar até aqui. A todos vocês, a minha infinita gratidão.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire

RESUMO

O objetivo deste estudo qualitativo foi analisar o processo de planejamento e implementação de uma proposta de ensino que tematizou as Paralimpíadas e os sentidos corporais. As intervenções foram organizadas a partir de uma abordagem de pesquisa-ação, e ocorreram junto a um grupo de 22 crianças de cinco a seis anos de idade, em uma ação conjunta entre a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Educação Física II (ESEF) do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Os instrumentos utilizados para coletar os dados foram o diário de campo, câmera filmadora sem tripé e celulares para registros fotográficos. A análise dos dados foi feita a partir de uma leitura do diário de campo e das imagens (registros das intervenções) para melhor compreender os escritos. Os resultados indicam que o esporte é algo já conhecido pelas crianças, e que fora do âmbito educacional é, também, um importante conteúdo da Educação Física. Na Educação Infantil, o esporte pode ser tematizado de diferentes formas, possibilitando experiências diversificadas com o corpo, movimento e saberes que vão para além da própria Educação Física. Neste sentido, foi possível perceber que os espaços, tanto da disciplina quanto do projeto, são de suma importância na formação inicial do estudante-professor, permitindo a idealização de projetos de intervenção e a reflexão a respeito deles, tornando tais ambientes propícios para a realização de investigações desta natureza.

Palavras-chave: Educação Física; Educação Infantil; Esportes adaptados; PIBID; Estágio Curricular Supervisionado.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Criança com vendas, tentando reconhecer um colega.....	29
Figura 2 - Jogo da memória para deficientes visuais (construído pelas estagiárias).....	29
Figura 3 - Crianças jogando o jogo da memória com vendas.....	30
Figura 4 - Crianças vendadas, manuseando objetos.....	30
Figura 5 - Crianças manuseando um livro infantil em Braille.....	31
Figura 6 - Crianças almoçando sem a visão.....	31
Figura 7 - Repetindo as letras do alfabeto em LIBRAS.....	32
Figura 8 - Criança sendo guia de outra criança vendada.....	32
Figura 9 - Crianças jogando Goalball.....	33

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE	Pág.
Apêndice A – Registros Fotográficos das Intervenções.....	29

LISTA DE QUADROS

QUADRO	Pág.
Quadro 1 – Sequenciador utilizado nas intervenções.....	23

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	01
1.1 OBJETIVOS.....	04
1.1.1 Objetivo Geral.....	04
1.1.2 Objetivos Específicos.....	04
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	04
2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	04
2.2 EDUCAÇÃO INFANTIL E EDUCAÇÃO FÍSICA EM FLORIANÓPOLIS.....	06
2.3 ESPORTE COMO CONTEÚDO DA EF NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	07
3 PERCURSO METODOLÓGICO.....	10
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	10
3.2 CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO.....	10
3.2.1 Participantes.....	11
3.3 INSTRUMENTOS PARA A COLETA DOS DADOS.....	12
3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	12
3.5 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS.....	15
3.6 LIMITAÇÕES DO ESTUDO.....	16
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	17
4.1 OBSERVAÇÃO DA ROTINA PEDAGÓGICA DO NEI E PLANEJAMENTO DE ENSINO.....	17
4.2 RELATO DE INTERVENÇÃO.....	18
4.3 AUTOPERCEPÇÃO DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL, ACADÊMICO E PROFISSIONAL DURANTE A INTERVENÇÃO.....	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	27
APÊNDICES.....	29

1 INTRODUÇÃO

Para a construção deste trabalho, relembro minha trajetória no curso de Licenciatura em Educação Física, o qual iniciei no primeiro semestre de 2013. Como outros colegas de sala, o que me trouxe para a Educação Física foi minha grande afinidade com os esportes nas aulas de Educação Física escolar e, com isso, uma admiração pela profissão de professor. Minha ideia era ser professora de Educação Física. Entrei no curso com a perspectiva de melhorar minhas habilidades esportivas e me qualificar para ser professora de Educação Física. No primeiro semestre de 2014, fui aprovada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)¹. No primeiro momento, fui direcionada a realizar meu estágio do PIBID em uma escola de ensino fundamental do município de Florianópolis. Porém, como eu teria que intervir no período vespertino – justamente o horário das aulas do curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC - mudei de campo e passei a intervir em uma creche municipal no período matutino.

Com a mudança de contexto, do Ensino Fundamental para a Educação Infantil, surgiu um desafio: como dar aula de Educação Física em uma creche para crianças de até seis anos? Esta demanda era muito estranha para mim, visto que até então eu nunca tinha ministrado uma aula para crianças (somente para colegas de turma em atividades das disciplinas do curso), e não conseguia imaginar o que ensinar a crianças tão pequenas. Durante o primeiro semestre como bolsista, eu e minha colega² de atuação no PIBID acompanhamos a professora da instituição em cada grupo, desde a chegada das crianças até a hora do sono.

No segundo semestre daquele ano, por sua vez, sob a orientação do professor coordenador do PIBID e sob a supervisão da professora da instituição, eu e minha colega planejamos uma temática para intervir com uma turma específica.

¹ O PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, tem como um dos objetivos “inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem”. Na Educação Física, em Florianópolis, ele acontece em três ambientes diferentes, sendo duas escolas de Ensino Fundamental e uma instituição de Educação Infantil. A carga horária do programa é de 12h semanais e, geralmente, os bolsistas se dividem em duplas para a realização de subprojetos sob o acompanhamento do coordenador do programa e dos professores de Educação Física das instituições.

Fonte: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>. Acesso em: 21 nov 2017

² Hoje, Professora Jéssica Silveira que, mais do que colega, foi minha grande parceira na faculdade e minha dupla nos ESEF I e II e também no PIBID.

Antes de realizar as disciplinas obrigatórias de Estágio Supervisionado em Educação Física (ESEF)³, realizei, por um ano e meio, subprojetos do PIBID. Quando me matriculei na disciplina, optei por realizar o ESEF I na mesma instituição em que já atuava, juntamente com o PIBID. Neste sentido, acredito que todas as experiências vivenciadas nos anos anteriores, no PIBID, foram importantes para refletir, pensar e criar possibilidades de intervenções com as crianças durante o ESEF.

O estágio é, para a grande maioria dos estudantes, o primeiro contato com as escolas/creches e a oportunidade de colocar em prática tudo que se aprende nos anos anteriores da formação inicial. No entanto, é necessário que, além de aplicar nossos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo dos anos, reflitamos a respeito dessa prática, para além da simples experimentação de ser professor. Portanto, precisamos discutir essa prática, a fim de melhorar esse processo de desenvolvimento que acontece entre o ser estudante e o ser professor. O estágio é, de fato, um momento de grande privilégio, pois tem elementos interessantes que possibilitam a realização de investigações que permitem observar com maiores detalhes todo o contexto em que o estudante está inserido.

Dessa forma, se faz importante a produção de trabalhos que tematizam o estágio supervisionado para fomentar ainda mais essa discussão. Esta investigação é construída, portanto, a partir do relatório de ESEF, sob a perspectiva não apenas de apresentar a proposta pedagógica do mesmo, mas sobretudo de fazer do próprio estágio um campo de pesquisa. Neste período, puderam ser identificadas as possibilidades, os desafios e as particularidades da intervenção - que tematizou as Paralimpíadas - como objeto de conhecimento para as crianças. Esta temática foi desenvolvida articulando saberes, práticas e valores aos conhecimentos sobre o corpo, sociedade e deficiência.

³ Os Estágios Supervisionados I e II, realizados na Licenciatura em Educação Física, acontecem na 6ª e 7ª fases, respectivamente, e apresentam carga horária de 252 hora/aula - 14 créditos. Os estudantes da disciplina formam duplas e escolhem em qual campo desejam atuar. As disciplinas em questão têm como características principais o fomento de ações de observação e intervenção articuladas ao campo, dentre as quais se destacam: atividade de docência; observação da escola e da comunidade; coleta de dados institucionais e da comunidade; acompanhamento de atividades de ensino; análise da realidade escolar e do currículo; elaboração e desenvolvimento de projeto de ensino em turmas de Educação Física na Educação Básica ou Educação Profissional. Participação em atividades escolares de caráter geral, reuniões de acompanhamento e avaliação e pontos de encontro de estagiários. Relatório técnico-científico de estágio: elaboração de documento e socialização da experiência de estágio.

Segundo Vaz (1999), todo professor pode ser um pesquisador de sua prática, de modo que seja possível desvelar seu próprio cotidiano e repensar sua atuação. O interesse pessoal pelo tema, portanto, se dá por conta de minha trajetória no PIBID junto à Educação Infantil, onde foram também realizados meus ESEF. Os quatro anos no programa, e tudo o que foi vivenciado na instituição, foram fatores determinantes para a realização desse trabalho, em especial no ESEF II. Neste sentido, eu e minha colega de ESEF pensamos em articular no planejamento tudo o que, de certa forma, aprendemos no decorrer dos anos, motivo pelo qual este trabalho apresenta grande relevância pessoal – materializando o encerramento de um ciclo muito importante em que aprendi muito e me reinventei como professora.

Do ponto de vista acadêmico, acredito que a reflexão aprofundada e sistematizada sobre o período de estágio supervisionado possibilita a produção de material escrito importante para o estabelecimento de diálogos com a literatura, além de estimular o debate sobre o papel deste período específico da formação inicial de professores. É importante destacar que, durante a atuação no ESEF, dois processos acabam ocorrendo simultaneamente: a transformação do estudante-professor e a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Neste sentido, o registro e a socialização acadêmica das percepções do estagiário sobre esta experiência são muito importantes para inspirar a realização de mais investigações desta natureza no âmbito da Educação Física.

No âmbito social, este estudo justifica sua realização pela relevância da temática abordada junto aos escolares. Ao se apresentar, discutir e vivenciar práticas adaptadas para pessoas com deficiência, deixa-se um legado para a sociedade como um todo e, em especial, para a própria instituição que acolheu e deu suporte à proposta; e também às crianças, que tiveram intenso contato com as intervenções, descobrindo outras possibilidades de práticas esportivas, movimentos corporais, dentro de um evento internacional, que atende ainda que bastante seletivo um grupo de pessoas que são muitas vezes marginalizadas na sociedade por dificuldades diárias e encontram no esporte olímpico uma oportunidade de vencer. Finalmente, esta investigação contribuiu por oferecer a possibilidade de vivenciar não só as dificuldades diárias, como também as próprias modalidades paralímpicas, construindo novos conhecimentos para o desenvolvimento de repertórios de movimento e sensibilidade pelas crianças.

Este trabalho está organizado em cinco seções: na primeira, apresenta-se a introdução, a problemática, justificativa e os objetivos do estudo; na segunda, apresenta-se o referencial teórico que fundamenta a organização do trabalho, o qual se organiza nas temáticas Educação Infantil, Educação Física na Educação Infantil de Florianópolis e Esporte; na terceira, detalha-se o percurso metodológico, onde são apresentadas informações sobre o contexto de investigação, as crianças participantes, os instrumentos de coleta de dados e os procedimentos de análise de dados utilizados e as limitações do estudo; no quarto, são apresentados os resultados do estudo, em que se reflete sobre a prática pedagógica por mim desenvolvida durante o ESEF/PIBID, bem como conduzidas discussões dos dados apresentados com a literatura específica; finalmente, as considerações finais sugerem encaminhamentos para futuras investigações.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar o processo de planejamento e implementação de uma proposta de ensino de Educação Física junto à Educação Infantil no âmbito de uma disciplina de estágio supervisionado.

1.1.2 Objetivos específicos

- Descrever o processo de planejamento da proposta de ensino sobre Paralímpiadas às crianças.
- Relatar e refletir sobre a organização didático-pedagógica e desenvolvimento das intervenções propostas.
- Refletir sobre o próprio processo de desenvolvimento acadêmico-profissional a partir da experiência com uma proposta de ensino no âmbito do estágio supervisionado.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação infantil é considerada a primeira etapa da Educação Básica. Nesse sentido, tem como finalidade desenvolver, nas crianças de zero a seis anos, os aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social, por meio de ações conjunta da instituição de ensino com a família e a comunidade. Sob essa consideração, é necessário que haja documentos que direcionem os conteúdos e práticas que serão ministrados no âmbito da Educação Infantil. Para tanto, existe o currículo da Educação Infantil, que é concebido como:

(...) conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico. Tais práticas são efetivadas por meio de relações sociais que as crianças desde bem pequenas estabelecem com os professores e as outras crianças, e afetam a construção de suas identidades (BRASIL, 2013, p. 86).

Dentro do planejamento curricular, a criança é considerada como o centro do processo. Ou seja, todas as propostas nele contidas devem entender a criança como um sujeito histórico e de direitos, um ser que brinca e se relaciona com as pessoas e com elementos presentes no seu cotidiano a partir de suas interações com o contexto em que está inserida. A criança é interpretada como um ser que descobre e aprende, criando assim sua própria identidade e, conseqüentemente, produzindo cultura. Neste sentido, as Diretrizes da Educação Básica (2013) indicam que:

As propostas curriculares da Educação Infantil devem garantir que as crianças tenham experiências variadas com as diversas linguagens, reconhecendo que o mundo no qual estão inseridas, por força da própria cultura, é amplamente marcado por imagens, sons, falas e escritas. Nesse processo, é preciso valorizar o lúdico, as brincadeiras e as culturas infantis (BRASIL, 2013, p. 93).

Com isso, cabe às instituições e ao corpo docente acatar essas diretrizes, para que todas as crianças tenham as mesmas oportunidades de se desenvolver e se relacionar, respeitando as particularidades de cada contexto. Falando especificamente da Educação Física, esta não aparece ligada à Educação Infantil no atual documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No entanto, aparece

como um conteúdo importante da Educação Básica - sendo denominada, no documento, como:

Componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos e patrimônio cultural da humanidade. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. Logo, as práticas corporais são textos culturais passíveis de leitura e produção (BNCC, 2017, p. 171).

Mesmo com a falta de orientação curricular da Educação Física na Educação Infantil no que diz respeito aos documentos nacionais, é possível pensar e planejar, por meio desta denominação, intervenções na Educação Infantil que compreendam a Educação Física como uma disciplina única e com conteúdos diversos que podem e devem ser apresentados às crianças integrantes dessa etapa da Educação Básica.

2.2 EDUCAÇÃO INFANTIL E EDUCAÇÃO FÍSICA EM FLORIANÓPOLIS

A partir do ano de 1976, o município de Florianópolis passou a se responsabilizar pela Educação Infantil, que apresentava intencionalidades e características assistencialistas, atendendo majoritariamente a crianças oriundas de uma população marginalizada, considerada em nossa sociedade como “carente” (SAYÃO, 1996). O professor de Educação Física teve sua inserção no corpo docente das instituições de Educação Infantil no início de 1982, onde estudantes da Licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) eram contratados como bolsistas (SAYÃO, 1996).

Avançando esse quadro, no ano de 1987 o professor de Educação Física passa a compor oficialmente o corpo docente das creches e NEIs do município de Florianópolis. Em relação à metodologia que conduziu a Educação Física neste ingresso na Educação Infantil, destacam-se os interesses da psicomotricidade, da recreação e da aprendizagem motora, oferecendo para as práticas caráter compensatório, preparatório e instrumental (SAYÃO, 1996).

Com o passar dos anos, aconteceram muitos debates em torno da Educação Infantil e também da própria Educação Física a respeito dessas perspectivas teórico-metodológicas. Essas discussões foram essenciais, resultando em:

novas formas de entendimento sobre formação, infância, Educação e Educação Física, entre outros temas, contribuindo para redimensionar os debates em torno das práticas pedagógicas, com forte incidência sobre a formação de professores (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 10).

A formação continuada dos professores de Educação Física da rede e, por consequência, a criação do Grupo de Estudos Independente da Educação Física na Educação Infantil (GEIEFEI)⁴, deram novos direcionamentos para a prática pedagógica da Educação Física dentro das instituições de Educação Infantil. Assim, destacam-se a centralidade do corpo e do movimento humano como elementos-chave da prática pedagógica na Educação Física. Por eles, as crianças se comunicam, se expressam e interagem socialmente. (FLORIANÓPOLIS, 2016). Deste modo, como consta no documento da rede que apresenta essa proposta de Educação Física na Educação Infantil da rede, a mesma se faz presente nas propostas pedagógicas da Educação Infantil por meio de:

Práticas que promovam interações e brincadeiras que proporcionem novas experiências e tematizem o grande acervo de práticas corporais. Entre tantos exemplos, destacamos brincadeiras, jogos, danças, lutas, ginásticas, esportes, manifestações da cultura popular (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 17).

O fato de a Educação Física de Florianópolis ter um documento próprio que apresenta o histórico, a evolução e, ainda, que tematize as possibilidades de intervenção desta na Educação Infantil, além de apresentar alguns trabalhos já realizados seguindo os pressupostos metodológicos já citados, é de grande importância para legitimar ainda mais a Educação Física como importante área de conhecimento na educação das crianças de 0 a 6 anos. Além disso, também torna possível pensar e discutir outras possibilidades a fim de embasar nossa teoria e fomentar a prática pedagógica, com a finalidade de melhorar ainda mais a área de atuação na Educação Infantil.

⁴Desde sua constituição, este grupo de formação empreende debates, envolvendo alguns dos principais temas que permeiam a Educação Física na Educação Infantil, compartilhando experiências e somando esforços para contribuir com as discussões acerca da Educação Física que acontecem nas instituições de educação infantil da rede municipal de ensino de Florianópolis. Procura-se estabelecer uma aproximação mais efetiva da Educação Física com as discussões da Pedagogia (inclusive o que tem se construído como Pedagogia da Infância), considerando as especificidades desta etapa da Educação Básica. (FLORIANÓPOLIS, 2016).

2.3 ESPORTE COMO CONTEÚDO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Infantil se constitui na tentativa de se distanciar ao máximo dos modelos escolarizantes. Isso é possível perceber ao se comparar diversos aspectos entre os dois ambientes educacionais (a Educação física é um desses aspectos). O tema esporte, que na Educação Física Escolar é um conteúdo bastante tradicional, na Educação Infantil não é tão explorado. Sobre essa questão, Richter, Gonçalves e Vaz (2011) afirmam que:

Quando não ignorada, a referência ou visibilidade do esporte aparece sobremaneira vinculada ao reforço ao direito das crianças ao movimento em espaços amplos. Isso acontece no contexto do incentivo à educação e ao cuidado dos pequenos a partir de práticas que envolvem o movimento e o conhecimento do mundo por meio da brincadeira, do jogo do faz de conta, da imitação, da apropriação da imagem corporal, do desenvolvimento da força, da agilidade e do equilíbrio físico (RICHTER; GONÇALVES; VAZ, 2011, p. 183).

Paralelo a essa questão, o esporte é um fenômeno presente em nossa sociedade e faz parte da nossa cultura. Deste modo, excluí-lo dos conteúdos pertinentes a Educação Física na Educação Infantil significaria privar os pequenos de ter um contato intenso e direcionado por meio do professor, conhecendo as múltiplas facetas desse fenômeno. Segundo Richter et al (2011) o esporte está presente nos meios de comunicação de massa e no caráter mobilizador que certas modalidades apresentam, em especial no Brasil além de que, as instituições de Educação Infantil são ambientes educacionais que cada vez mais contam com a presença de professores de Educação Física, que o esporte é uma produção humana e a cultura é elemento substancial da educação.

Portanto, é necessário que o esporte seja tematizado na Educação Infantil como um conteúdo da Educação Física, a fim de apresentar às crianças a diversidade de movimentos e materiais historicamente criados e culturalmente desenvolvidos que integram o acervo das práticas corporais, uma vez que, em se tratando de educação (inclusive a infantil), cabe aos professores promover situações pedagógicas intencionais e favorecer experiências formativas que envolvam a expressão das múltiplas linguagens, que incluam formas de se relacionar consigo mesmos, com o outro, com os materiais, com os tempos e os espaços e, sobretudo, que as aproximem das produções culturais (RICHTER; GONÇALVES; VAZ, 2011).

Dentro desse contexto, é importante que a Educação física, na Educação Infantil, também reconheça uma possibilidade de distanciamento da Educação física escolar, utilizando o esporte como um conteúdo importante de sua prática, buscando contribuir para que, desde cedo, as crianças possam estabelecer uma relação menos danificada com o corpo e com o mundo, por meio da elaboração de formas não convencionais de relação com esse elemento da cultura, passível de ser praticado, experienciado, pensado, recriado e, assim, contribuir para a estruturação de uma nova cultura esportiva no âmbito da Educação Infantil e para além dela (RICHTER; GONÇALVES; VAZ, 2011).

3 PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo qualitativo se caracteriza como pesquisa-ação, realizada a partir da elaboração e do desenvolvimento de um projeto de ensino de EF na Educação Infantil no âmbito do Estágio Supervisionado em Educação Física (ESEF) II /PIBID. Neste sentido, a investigação parte do pressuposto de que o ESEF é um espaço de sistematização e de produção de conhecimento, orientado por um processo de pesquisa. O professor, neste sentido, torna-se um pesquisador da própria prática. Elliott (1990) define pesquisa-ação como uma atividade empreendida por grupos humanos com o objetivo de modificar suas circunstâncias a partir de valores compartilhados; é uma prática, sobretudo, reflexiva, com ênfase social, bem como no processo de investigar sobre ela. Para Elliott (1993), no campo da educação, a pesquisa não pode estar separada da prática; a prática mesma é a forma de investigação, e a produção teórica deve derivar das tentativas de mudar as práticas.

3.2 CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO

O Núcleo de Educação Infantil (NEI), instituição onde ocorreram as intervenções do ESEF e do PIBID, foi construído em parceria com o MEC e a Prefeitura de Florianópolis. A instituição fica localizada na região sul da parte insular da cidade, e atende a crianças em período integral.

Em relação à infraestrutura, a instituição dispõe de estacionamento para funcionários, sala de professores, direção, secretaria, diversas salas de materiais/almojarifado (inclusive próprios da EF), grande pátio coberto junto ao refeitório, cozinha, sete salas onde os grupos ficam dispostos (G1 ao G6), biblioteca, ateliê, banheiros⁵ comuns e adaptados dentro e fora das salas. Em sua área externa, possui um grande espaço verde com campo de futebol, horta, dois parques (escorregadores, balanços, casa de boneca, pneus e manipulação/interação livre com brinquedos), caixa de areia e os solários, localizados no exterior de cada sala.

⁵ Existem banheiros para adultos, banheiros adaptados para pessoas com deficiência e banheiros para as crianças. Nas salas de grupos menores, tais banheiros ficam dentro da sala.

O corpo docente é composto por 48 profissionais, entre eles uma diretora, uma coordenadora e duas professoras de EF. Cada grupo possui duas professoras: regente e auxiliar; há, também, professores que, de acordo com o dia, são responsáveis por um grupo diferente, pois sua função é de suprir a ausência do professor regente do grupo quando este se encontra em horário de estudo (“hora-atividade”).

No primeiro semestre de 2016, momento da nossa intervenção, o NEI atendia a 157 crianças de zero a seis anos, divididas em oito grupos (do G1 ao G6), havendo dois G3 e dois G6 (A e B). A maioria das crianças reside no próprio bairro em que a instituição está localizada, além de outros bairros que se encontram nas proximidades.

As aulas de EF do NEI acontecem durante um período matutino ou vespertino. Segundo Vaz (2002), a participação dos professores, nos demais momentos que compõem o cotidiano da unidade educativa, envolve a compreensão de que a educação do corpo não se limita às aulas de Educação Física. Ela acompanha, atravessa e perpassa, todos os saberes e períodos que configuram o dia-a-dia das instituições. Nesse sentido, além de ministrar as atividades, a professora de EF auxilia as professoras de sala, durante esse período, na higiene e na alimentação.

Como já mencionado, a instituição conta com uma boa infraestrutura e, dependendo da proposta, até o estacionamento da instituição pode ser utilizado. No entanto, de acordo com minhas observações, o espaço mais utilizado para a realização das aulas é o pátio coberto, junto ao refeitório.

Quanto aos materiais, existe uma grande variedade deles, tais como bolas de diferentes tipos e tamanhos, cordas, bambolês, colchões, tapetes, petecas, pé de lata, pernas de pau, cavalinhos, instrumentos musicais, fantasias diversas, materiais para o boi de mamão, bicicletas, *skate*, motoca, carretão, entre outros.

3.2.1 Participantes

O grupo no qual escolhemos para intervir foi o G6-A (crianças entre cinco e seis anos de idade), que contava com 22 crianças no momento da intervenção, sendo 13 meninas e 9 meninos. Porém, em todas as intervenções compareceram, no máximo, 14 crianças, especialmente em decorrência do frio – segundo

informação da professora responsável pela turma. Nossas intervenções aconteceram nas quartas-feiras no período matutino. Em tais dias, acompanhamos o grupo desde a chegada à instituição até a hora do sono.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a realização dos registros, foi utilizado um diário de campo, o qual se preenchia com registros manuscritos. O diário de campo foi construído como um relato do que tinha acontecido no dia, englobando os seguintes aspectos; quantidade de crianças presentes no dia; condições climáticas (caso interferisse na organização da intervenção); acontecimentos importantes ao longo da intervenção; o que deu certo; o que deu errado. Geralmente, escrevíamos no diário algumas horas depois da intervenção. Além do diário de campo, utilizamos nossos celulares pessoais para a fotografar e, também, uma câmera filmadora (sem tripé) para realizar o registro de vídeo de algumas atividades.

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os procedimentos de coleta de dados adotados nesta investigação respeitaram a própria organização estrutural do ESEF. Neste sentido, as primeiras aulas do ESEF eram realizadas na universidade, nas quais se discutiam textos relacionados à disciplina. A partir dos textos lidos, foi sugerido pelos professores da disciplina que o tema central das intervenções do ESEF do semestre 2016.1 fosse o esporte olímpico, visto que o Brasil iria realizar, no respectivo ano, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos.

Com tema central, duplas e campos definidos, iniciamos o período de observação, durante o qual observou-se o cotidiano da instituição e da EF, os espaços e toda a rotina das crianças no período. As observações foram realizadas durante quatro semanas, sendo que cada dupla deveria comparecer apenas um dia à instituição, de acordo com o seu foco de observação. Como já conhecíamos bastante a infraestrutura da instituição, focamos nossas observações iniciais nas aulas de EF, principalmente porque era uma professora recém contratada e, portanto, era necessário saber de que forma ela lidava com as crianças e como

eram suas aulas. Na terceira semana de observação, já com um grupo definido, passamos a observar a rotina do mesmo, criando um vínculo com as crianças e buscando perceber elementos que poderiam contribuir para a construção de nosso planejamento de intervenção. Na última semana de observação, tivemos conversas com as professoras de sala, a fim de aproximar nossos planejamentos e, também, saber mais características pertinentes do grupo.

O planejamento foi composto de oito intervenções, organizadas por um sequenciador, de forma que o trabalho pudesse ser desenvolvido em momentos de introdução, experimentação e inserção de novos elementos, considerando o tempo necessário para a apreensão e renovação dos conteúdos. O objetivo geral da proposta foi experimentar e recriar jogos e esportes adaptados, discutindo e desconstruindo padrões de eficiência/deficiência em nossa sociedade por meio da tematização de práticas corporais e de sua relação com os usos, limites e possibilidades dos órgãos sensoriais no âmbito dos esportes e jogos paralímpicos. Em cada uma das intervenções, trabalhamos com alguns dos sentidos corporais vinculados às modalidades paralímpicas e aos jogos adaptados.

A motivação para a determinação do tema se vincula à ampla divulgação e a realização dos Jogos Olímpicos de 2016, evento multiesportivo realizado no segundo semestre, no Rio de Janeiro (Brasil), bem como aos Jogos Paraolímpicos, realizados na mesma cidade. Acreditamos na relevância de tematizar os esportes com intuito de fornecer conhecimento e vivência às crianças, para além do que elas assistem por meio da mídia - ainda muito orientada pelos princípios da competição, do rendimento máximo, da exclusão e do binômio vitória-derrota. Segundo Vaz e Bassani (2013), as Olimpíadas, para os telespectadores, parecem ser quase um videogame. Isso se agrava enormemente no Brasil, país em que a televisão tem um papel relativamente grande na construção da cultura de crianças, jovens e adultos. Conhecemos o esporte via “telinha” e, portanto, desenvolvemos, historicamente, uma sensibilidade (ou seja, educamos nossos sentidos) para ver (e consumir) esportes pela televisão.

A proposta de intervenção não desconsiderou o megaevento internacional, mas focou sua atenção muito mais nos Jogos Paralímpicos, evento destinado a pessoas com deficiência, que acontece após os Jogos Olímpicos. No entanto, apesar de sua relevância mundial, este evento é pouco valorizado, principalmente pelos meios de comunicação que são, em linhas gerais, a maior fonte de informação

da população brasileira. Assim, queríamos apresentar às crianças maneiras menos divulgadas de praticar esportes e de pensar sobre os esportes.

Nesse contexto, foi enfatizado o trabalho com os sentidos corporais, partindo do pressuposto de que a ausência de um ou mais sentidos pode ser compensada com a utilização e a especialização de todos os outros e, especialmente, partindo do entendimento de que nossa cultura deve estabelecer caminhos indiretos quando uma deficiência impede ou limita seu usufruto, tal como ocorre com o *Goalball* (esporte baseado nas percepções tátil e auditiva e desenvolvido em nossa cultura, exclusivamente, para pessoas com deficiência visual) e os esportes adaptados, como Tênis em Cadeira de Rodas e Voleibol Sentado que resultam da fusão ou da adaptação de espaços, regras, materiais das distintas modalidades esportivas oportunizando a possibilidade da prática por pessoas com deficiências. Uma segunda motivação para a determinação do tema adveio do desejo e da tentativa de articular a proposta da EF com o supracitado projeto desenvolvido pela professora. Como seu projeto de “descobrir coisas do mundo”, incentivava o trabalho com uma linguagem oral e escrita, envolvendo atividades com o globo terrestre e buscando oferecer distintas relações com o universo letrado no globo que, frequentemente, vinha sendo utilizado pela pedagoga e pelas crianças.

Com o tema e o conteúdo definidos, começamos a organizar nossas intervenções, tematizando o conteúdo com apoio de recursos audiovisuais, o que para nós foi o ponto forte de nossas intervenções, uma vez que as crianças mantinham-se atentas, observando, perguntando, citando, repetindo, ampliando, comentando, ouvindo, falando, sobre que estava sendo apresentado.

Para a construção de nosso planejamento de intervenção, aprofundamos nosso conhecimento sobre as parolimpíadas, lendo artigos e *websites*, localizando temas em estudo, vários deles representados por imagens para apresentar às crianças. A partir de tais leituras e conversas, elencamos alguns objetivos a serem contemplados em nossas intervenções, envolvendo uma apresentação geral do que iríamos trabalhar durante o estágio, falando um pouco sobre o megaevento, além das parolimpíadas, localizando no mapa, e enfatizando as modalidades que iríamos vivenciar durante o ESEF. Nessa direção, estabelecemos como objetivo geral “compreender, experimentar e recriar jogos e esportes adaptados, discutindo e desconstruindo padrões de eficiência e deficiência em nossa sociedade por meio da tematização do emprego dos sentidos em diferentes práticas corporais e reflexão

crítica sobre os Jogos Paraolímpicos. Como objetivos específicos, delimitamos: verbalizar a partir dos vídeos e das imagens apresentadas a respeito dos conteúdos; identificar aspectos das parolimpíadas; experimentar a falta de visão em diversas situações do cotidiano; experimentar atividades de Goalball e Futebol de 5; experimentar atividades que extingam o sentido da audição; sentir diferentes objetos que remetam a modalidades paralímpicas; experimentar e vivenciar algumas modalidades paralímpicas com cadeira de rodas.

Com tema e objetivos definidos, foi construído o sequenciador com sete intervenções, que compreenderam: aspectos gerais da parolimpíadas; falta do sentido da visão; vivências de atividade com a falta da visão; jogos do silêncio; atividades que estimulam o tato; vivências com atividades paralímpicas com cadeira de rodas; levar alguém com alguma deficiência a instituição; fechamento com vídeos e conversas.

Para realizar os registros fotográficos, não foi necessário pedir autorização aos pais, visto que a instituição é um campo de estágio e, portanto, já está ciente de que a fotografia é uma das possibilidades de registro e de coleta de dados por diversos estagiários e pesquisadores.

3.5 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Para a realização da análise dos dados foi necessário realizar uma leitura do diário de campo, de forma criteriosa e reflexiva a respeito das intervenções, a fim de desvelar elementos importantes para a construção deste trabalho. Neste sentido, foram enfatizadas a análise do envolvimento das crianças com as intervenções e minha própria atuação docente, repensando as propostas e as atitudes sempre que necessário.

Os registros fotográficos e de vídeo não foram analisados de forma tão criteriosa, visto que fizeram parte das estratégias de intervenção. Nesse sentido, para a realização deste trabalho, serviram apenas para fomentar ainda mais a descrição das intervenções.

3.6 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

As limitações existiram em diferentes momentos da construção deste trabalho. Inicialmente, a Temática das Paralimpíada surgiu como algo diferente; mesmo que fosse um assunto que estivesse sendo comentado por diversos meios de comunicação, não tínhamos muito entendimento a respeito do tema, então foi necessário um estudo teórico, em sites e vídeos da internet, na tentativa de compreender e buscar elementos interessantes e necessários para a construção do projeto. Consequentemente, o esporte adaptado, com o qual tivemos em nossa formação acadêmica um contato mais teórico e técnico a respeito de algumas modalidades, não era objeto de nosso domínio antes das intervenções.

Com isso, buscamos materiais teóricos a respeito de práticas que tematizassem o esporte adaptado como conteúdo da Educação Física e, mais especificamente, da Educação Infantil. Observamos, a partir de nossas pesquisas, que esse material é bastante escasso na literatura. Diante dessas limitações, surgiu o desafio de pensar e planejar intervenções com essa temática, sem muito suporte teórico específico da Educação Física.

Acredito que, diante dessas limitações, nós conseguimos superar esse desafio e construir um projeto que englobava Paralimpíadas, Esporte Adaptado e sentidos corporais de uma maneira bem organizada. No entanto, durante o próprio planejamento e as intervenções, foi possível perceber que aquele projeto que continha sete intervenções poderia ter contemplado outras, pois as ideias e possibilidades eram inúmeras e, com isso, as crianças teriam uma maior amplitude de conhecimentos. Porém, devido à necessidade de seguir um cronograma previamente determinado, isso não foi possível.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 OBSERVAÇÃO DA ROTINA PEDAGÓGICA DA ESCOLA E PLANEJAMENTO DO ENSINO

A Educação Infantil, apesar de manter uma perspectiva que respeita o tempo da criança, tem horários a serem seguidos. Durante o período de observação, foi possível perceber que esses horários estavam bem marcados, e que eram de conhecimento de todos os que compunham a instituição. Dentre as etapas da rotina pedagógica, destacaram-se: horário de chegada, almoço, higiene pessoal, hora do sono, hora do parque e hora da Educação Física.

As atividades, na Educação Infantil, acontecem de acordo com um planejamento prévio da professora de sala e da auxiliar. Percebi que, nos momentos em que as crianças estavam com a professora de sala e a auxiliar, o clima era bem tranquilo. As crianças pareciam saber o que fazer em cada momento do dia, como por exemplo: depois do café, voltavam para sala e sentavam em roda no tapete. A partir disso a professora de sala dava “bom dia”, perguntava como elas estavam e dizia o que iria ser trabalhado naquele dia ou período.

A professora sempre buscava o diálogo com as crianças, tentando explicar da melhor forma possível como seriam os momentos seguintes. Observamos que o grupo era muito tranquilo e respeitava bastante os direcionamentos da professora, tanto a de sala e auxiliar quanto a professora de Educação Física. As crianças demonstravam muita vontade de conhecer e aprender coisas novas e diferentes. A turma tinha uma boa relação entre si, mas era visível uma separação em pequenos grupos e alguns pequenos conflitos entre eles.

Em virtude desse diagnóstico, surgiu a intenção de apresentar os Jogos Paralímpicos para as crianças, juntamente com os sentidos corporais, para que elas tivessem a oportunidade de vivenciar situações diferentes, percebendo seu próprio corpo de outra maneira aumentando sua consciência sobre a importância dos sentidos corporais ao ser humano. Além desses fatores, foram pensadas aulas que mostrassem não só o atleta com deficiência, mas também a pessoa com deficiência e suas dificuldades, limitações e superações. Dessa forma, pensamos em intervenções que, além de apresentarem as modalidades esportivas Paralímpicas, tornassem possíveis experiências que suprimisse a utilização de algum dos sentidos

corporais em prol de outros, potencializando a experimentação de diferentes maneiras de existência.

4.2 RELATO DE INTERVENÇÃO

As intervenções, aconteciam nas quartas-feiras no período matutino. Acompanhamos as crianças das 8h00 até às 12h30, momento pós-almoço onde as crianças dormiam. A proposta de intervenção, expressa no Quadro 1, foi sendo estruturada de maneira gradativa, à medida que os acontecimentos produziam sentidos e significados no grupo investigado.

Na primeira intervenção iniciamos uma conversa com as crianças sobre o que nós (estagiárias) estávamos fazendo na instituição e de que maneira elas participariam desse momento. Com isso, a primeira intervenção tinha como temática os *Aspectos gerais das Paralimpíadas*. Por meio de um vídeo de um programa de televisão intitulado “Cocoricó”, buscamos apresentar a diferença entre as pessoas, de maneira geral. Após o término do vídeo, conversamos com as crianças a respeito do que o vídeo travava, percebemos a partir de suas falas que elas entenderam o que conteúdo do vídeo, inclusive tentaram explicar do que se tratava o vídeo a partir de uma situação do contexto deles, já que na turma tinha duas crianças gêmeas idênticas, eles alegaram que mesmo assim elas eram diferentes. Para introduzir o tema das Olimpíadas, montamos uma apresentação com fotos de modalidades esportivas, questionamos as crianças quanto aos seus conhecimentos a respeito do que era Olimpíada, quais eram aquelas modalidades, ou se conheciam outras modalidades esportivas que não estavam ali representadas, a grande maioria das crianças se remeteu ao futebol como uma prática já conhecida e vivenciada, já outras crianças citaram, o tênis, o basquete e o vôlei.

No momento seguinte, apresentamos elementos pertinentes à temática por meio de imagens, como por exemplo, uma imagem do mapa mundi para que as crianças pudessem compreender em que lugar do mundo estavam, em que lugar iria acontecer aquele evento esportivo, e se era perto ou longe de onde elas estavam. Essa aproximação com a Localização, foi uma estratégia utilizada para A partir desta contextualização, introduzimos o termo *Paralimpíada*, que era um evento esportivo que acontecia depois das Olimpíadas. Fizemos os mesmos questionamentos de anteriormente e as crianças nos relataram que não conheciam

esse evento. Então, mostramos a elas imagens de crianças realizando a mesma modalidade olímpica e paralímpica. Quando questionadas sobre as imagens, as crianças souberam pontuar exatamente o que diferenciava cada fotografia. Dando sequência, informamos que as Paralimpíadas seria o tema de nossos próximos encontros. Apresentamos imagens das modalidades que iríamos experimentar no decorrer das intervenções e discorremos sobre a importância dos sentidos corporais, seja na vida cotidiana ou na prática das modalidades paralímpicas. Por fim, as crianças realizaram um desenho sobre o que elas viram e gostaram na intervenção, apresentando-os aos demais colegas.

A segunda intervenção tinha como objetivo experimentar a falta de visão em diversas situações do cotidiano. Iniciamos a intervenção com uma roda de conversa para lembrar o que foi trabalhado na intervenção anterior. Depois dessa recapitulação, apresentamos⁶ o tema daquela intervenção e mostramos para as crianças imagens de deficientes visuais realizando diversas atividades do cotidiano, bem como praticando alguns esportes. Em seguida, realizamos uma atividade de reconhecimento dos colegas, onde uma criança vendada teria reconhecer outro colega apenas por meio do toque. Caso não conseguisse identificar o colega, a criança tocada poderia falar algo para que a criança que estivesse vendada pudesse descobrir quem era, utilizando os recursos do tato e da audição.

Na atividade seguinte, fizemos um jogo da memória para deficiente visual. Para tanto, confeccionamos um tabuleiro com peças de diferentes texturas e, em duplas, realizamos o jogo. Ambas as crianças estavam vendadas, tocando-as e tentando achar o par no tabuleiro. Depois de repetir a atividade por algumas vezes, nós encerramos a atividade e explicamos para as crianças que a próxima atividade seria no pátio (refeitório). A atividade foi em duplas, em que uma pessoa da dupla estaria vendada e a outra seria seu guia⁷, que ajudaria a ultrapassar alguns obstáculos⁸. Como última atividade da intervenção, todas as crianças foram

⁶ O momento inicial das intervenções era uma espécie de diálogo com as crianças, onde nós mostramos as imagens e os vídeos de acordo com o tema da intervenção, bem como propúnhamos alguns questionamentos.

⁷ No início da intervenção, dentre as imagens que mostramos às crianças, estava uma em que o deficiente visual era guiado por outra pessoa. Assim, para realizar essas atividades, as crianças já tinham um conhecimento prévio sobre como se comportar como guias.

⁸ No pátio (refeitório), foi montado um circuito com alguns obstáculos, em que as crianças vendadas, com a ajuda de seus guias, deveriam transpor esses obstáculos. Dentre os obstáculos, havia cordas (sobre as quais teriam de pisar, sentindo uma textura diferente) pranchas de equilíbrio (simulando um degrau), entre outros.

vendadas e separadas em pequenos grupos. A professora⁹ era uma guia, responsável por levar as crianças a dar uma volta na creche com os olhos vendados. Por fim, realizamos uma roda de conversa a respeito da intervenção, no parque.

A terceira intervenção tinha como objetivo vivenciar as modalidades Paralímpicas Goalball e Futebol de 5. A partir de nossa primeira intervenção, percebemos que as crianças tinham interesse em conhecer outras modalidades Paralímpicas além das quais vivenciaram na prática. Por isso, no início desta intervenção, apresentamos imagens de todas as modalidades Paralímpicas, dando ênfase às modalidades que elas vivenciaram no dia, a partir de vídeos.

Depois desse momento inicial, direcionamo-nos para o estacionamento¹⁰ da instituição e realizamos atividades de introdução às modalidades Goalball e Futebol de 5. Separamos as crianças vendadas e sentadas em duas colunas, dispostas uma de frente para outra. A criança com a bola de guizo falava o nome de um colega; esse, por sua vez batia palmas. A partir das palmas, a criança deveria jogar a bola para esse colega, e este tinha de ouvir o barulho do guizo e tentar pegar a bola, e assim sucessivamente. Já com uma estrutura montada, realizamos a modalidade Goalball. Para tanto, dividimos as crianças em dois grupos e pedimos para que realizassem o jogo da mesma maneira que tinham apreciado no vídeo exibido dentro da sala, primeiramente sem vendas e depois com vendas. Algumas crianças ficaram como “árbitros” do jogo.

Depois de experimentar algumas possibilidades com o *Goalball*, modificamos a estrutura montada, reorganizando os cones de maneira que formassem quatro gols. Em alguns momentos com vendas e em outros, sem, as crianças tinham de chutar a bola¹¹ de Futebol de 5 ao gol. Depois dessa atividade, propusemos um jogo

⁹ Nessa intervenção, além de nós, estavam presentes a professora regente, a professora auxiliar, a professora de Educação Física e uma estagiária do PIBID que também acompanhava nossas intervenções. Por conta disso, foi possível dividir a turma em grupos com maior facilidade.

¹⁰ Realizamos essa intervenção no estacionamento (local muito utilizado pela Educação Física), pois quando chegamos à instituição o refeitório estava sendo preparado para a apresentação do Boi-de-Mamão (prática muito presente na instituição por meio da Educação Física). Desse modo, conversamos com a direção, que muito prontamente retirou os carros do estacionamento, liberando o espaço para que realizássemos as atividades.

¹¹ Para a realização dessa atividade, tínhamos uma bola oficial de futebol de 5 (emprestada do CDS/UFSC) e, também, bolas de voleibol da própria instituição envoltas por uma sacola plástica, as quais simulavam o barulho do guizo.

de Futebol de 5 a partir do vídeo exibido em sala, com as devidas alterações¹² de acordo com o contexto. Ao final da atividade, fizemos uma roda de conversa para ouvir das crianças seus relatos sobre as vivências daquela intervenção. Perguntamos se gostariam de almoçar¹³ com os olhos vendados, tentando descobrir o cardápio por meio do olfato e paladar. De início, só uma criança quis, mas depois outras três quiseram participar, também. Neste momento, encerramos a intervenção.

Na quarta intervenção, o objetivo proposto era trabalhar com a falta de audição. Em sala, relembramos todos os conteúdos trabalhados anteriormente, e então falamos do sentido da audição, explicamos que pessoas que não escutam são chamadas de deficientes auditivas. Apresentamos, por meio de imagens, o alfabeto da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), comparando com o Braille utilizado pelos deficientes visuais. Representamos cada letra do alfabeto em LIBRAS e, em seguida, fizemos um jogo de mímica, onde levamos imagens de 12 modalidades esportivas, dentre elas algumas Paralímpicas, bem como imagens que eles já tinham visto em encontros anteriores. Uma criança¹⁴ por vez teria que fazer gestos e movimentos que representassem o que estava na imagem. Depois de realizar essa atividade por algumas vezes, nos dirigimos ao pátio para realizar outras duas atividades já conhecidas pelas crianças (coelhinho sai da toca e morto e vivo), mas a meta agora era realizá-las em silêncio. Cada criança (coelhinho) tinha uma toca representada por arcos dispostos no chão; quando levantávamos o cartão vermelho, as crianças deveriam sair da toca, e quando levantávamos o cartão verde deveriam entrar na toca. Na atividade morto e vivo, com o cartão verde as crianças deveriam permanecer “vivas” (em pé), ao passo que com o cartão vermelho deveriam permanecer “mortas” (agachadas). No decorrer da atividade, as próprias crianças¹⁵ ficaram responsáveis por mostrar os cartões verde e vermelho. Ao término da atividade retornamos à sala, fazendo uma roda de conversa sobre o que foi realizado naquela intervenção.

¹² Não definimos a quantidade de crianças por equipe, possibilitando que todas realizassem a atividade ao mesmo tempo. E, também, não exigimos a utilização das vendas durante toda a atividade, visto que elas estavam incomodadas com este acessório.

¹³ As crianças não ficaram o almoço todo com a venda nos olhos, mas somente no início para realmente descobrir uma nova possibilidade de limitação/deficiência.

¹⁴ Em todo momento, auxiliamos crianças a reconhecer e a interpretar a imagem.

¹⁵ Muitas crianças perderam o interesse na atividade, portanto nós incentivamos elas a participar da atividade de outra maneira.

Na quinta intervenção, nosso objetivo foi apresentar modalidades paralímpicas que utilizassem a cadeira de rodas e, a partir disso, perceber a importância do tato. Apresentamos vídeos e imagens de todas as modalidades paralímpicas que utilizam a cadeira de rodas; na sequência, mostramos duas imagens, uma delas com a cadeira de rodas convencional e outra com a cadeira esportiva, para que as crianças pudessem perceber as diferenças entre elas. Depois dessa parte introdutória, trouxemos para dentro da sala uma cadeira¹⁶ de rodas esportiva. Já no pátio coberto, as crianças puderam se experimentar no manuseio da cadeira de rodas; em seguida, propusemos um jogo de bocha, adaptado ao contexto, onde cada criança utilizava a cadeira de rodas e, com uma bola de uma cor, tentava acertar ou aproximar uma bola fixa da bola de outra cor. A atividade seguiu por um determinado tempo, até que voltamos para a sala e realizamos a identificação de objetos relacionados à Educação Física que estão presentes no cotidiano. Em roda, as crianças ficaram sentadas e vendadas e, aos poucos, recebiam um objeto. Quando achavam que descobriram qual era o objeto, deveriam passá-lo para o colega do lado. Ao término, todos tiraram as vendas e falaram quais eram os objetos, e depois mostramos quais eram os objetos. Aproveitando o momento de roda, fizemos a nossa conversa final, questionando as crianças quanto ao que foi realizado na intervenção, sobre o que elas gostaram ou não, sobre o que sentiram mais dificuldade ou não. E, assim, finalizamos a intervenção.

Na sexta intervenção, realizamos uma saída de campo para o CDS/UFSC, com o objetivo de que as crianças experimentassem a cadeira de rodas simultaneamente, em um espaço amplo, e que a partir disso se aproximasse da prática das modalidades paralímpicas. Inicialmente, deixamos o grupo livre para se locomover na quadra com as cadeiras de rodas, depois propusemos uma brincadeira de pega-pega, onde cada cadeira tinha um número. O número anunciado seria o pegador, e os outros deveriam fugir. Em seguida, realizamos atividades em que eles tinham que manusear a cadeira e uma bola; na sequência, teriam que passar a bola para outro colega, depois teriam que acertar a bola em um alvo. Por fim, realizamos uma roda de conversa no próprio ginásio para que as crianças pudessem expressar suas compreensões a respeito da intervenção. Em seguida, voltamos para a instituição.

¹⁶ A cadeira de rodas foi emprestada do CDS/UFSC.

Na oitava e última intervenção, iniciamos anunciando que seria nosso encontro derradeiro. Na sequência, fizemos uma roda de conversa para relembrar tudo que foi realizado durante o período da proposta de ensino, além de deixarmos as crianças livres para poder expressar suas opiniões a respeito de tudo que fizeram. No segundo momento, explicamos que o grupo iria assistir a dois vídeos, com imagens e pequenos vídeos da própria turma gravados durante as intervenções. Explicamos que eles iriam assistir de duas maneiras diferentes: a primeira com os olhos vendados, apenas ouvindo o vídeo; e a segunda com o vídeo sem som, apenas com as imagens. Por fim, conversamos a respeito dessas duas experiências e agradecemos a eles por participarem de tudo.

Quadro 1 – Sequenciador utilizado nas intervenções

Temática central	Objetivos de aprendizagem	Estratégias e recursos utilizados	Questões orientadoras
A1. Aspectos gerais das parolimpíadas	Identificar algumas características sociohistóricas e culturais das parolimpíadas.	Contextualização das diferenças entre as pessoas por meio de um vídeo de um programa de televisão (“cocoricó”); Verbalização a respeito do vídeo. Apresentação de aspectos das parolimpíadas (histórico, localização) por meio de imagens e conversas (data show); Verbalização a respeito dos sentidos (O que são? Para que servem?); Desenho sobre o que foi apresentado e conversado na intervenção	As crianças conseguem se interessar pelo conteúdo abordado? As crianças conseguiram compreender o que é parolimpíada? s crianças manifestaram o interesse por meio de perguntas?
A2. Falta do sentido: Visão	Experimentar a falta da visão em diversas situações do cotidiano.	Exibição de imagens de deficientes visuais realizando diversas atividades comuns e praticando esportes; Realização do reconhecimento dos colegas; Realização de um circuito que representa algumas dificuldades presentes no cotidiano de um deficiente visual (duplas ou trios); Passeio pela creche utilizando as vendas; Roda de conversa sobre o que as crianças acharam das atividades	Por quanto tempo as crianças conseguiram ficar vendadas? As crianças tiveram dificuldades para tocar em seus colegas? As crianças conseguiram guiar seus colegas? As crianças sentiram confiança no colega que estava sendo seu guia?
3. Vivências de atividades com a falta de visão	Experimentar as modalidades Goalball e Futebol de 5.	Apresentação sobre as modalidades Goalball e Futebol de 5; Exibição de imagens de modalidades Paralímpicas; Utilização de uma bola com guizo. Em roda, as crianças vendadas devem chamar um colega, e este responde batendo palmas; a criança com a bola deve se concentrar para ouvir onde ele está, e joga a bola assim que identificar. Realização dos jogos Goalball e Futebol de 5. Utilização de vendas na hora do almoço para descobrir qual era a comida; Roda de conversa sobre o que as crianças acharam das atividades	As crianças conseguiram ficar vendadas por muito tempo? As crianças conseguiram perceber que sem a visão, precisam ter melhor audição para realizar as atividades? As crianças conseguiram realizar atividades propostas?

4. Jogos do silêncio	Experimentar atividades que estimulam o sentido da audição.	Conversa com as crianças sobre a importância do sentido da audição. Comentário sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS): alfabeto; Estímulos para que as crianças se comuniquem sem a fala; Realização da brincadeira mímica; Realização das brincadeiras “morto e vivo” e “coelhinho sai da toca” utilizando cartões, vermelho e verde; Roda de conversa a respeito da intervenção.	As crianças conseguiram se comunicar sem a fala? As crianças já conheciam a língua Brasileira de sinais? As crianças conseguiram fazer a brincadeira da mímica?
A5. Atividades que estimulam o tato	Vivenciar modalidades Paralímpicas que utilizam a cadeira de rodas; Reconhecer a importância do tato.	Apresentação das modalidades que utilizam a cadeira de roda para sua prática; Exibição de vídeos sobre crianças praticando essas modalidades; Vivência do jogo bocha; Adivinhação de diferentes materiais por meio do tato.	As crianças conseguiram, sozinhas, perceber a diferença das cadeiras de rodas? As crianças conseguiram realizar o jogo da bocha? As crianças conseguem adivinhar os materiais?
A6. Vivência das modalidades paraolímpicas com cadeira de rodas	Visitar o CDS/UFSC para realizar a prática das modalidades nas cadeiras de rodas.	Visita das crianças à UFSC para que vivenciem a prática das modalidades nas cadeiras de rodas; Exploração da cadeira de rodas e do espaço físico pelas crianças.	As crianças tiveram dificuldades em manipular as cadeiras? As crianças conseguiram manipular as cadeiras, junto com o objeto da modalidade?
A7.	Cancelada devido à greve		
A8. Encerramento e apresentação de vídeos sobre as intervenções	Refletir sobre a própria aprendizagem e sobre o que mais se gostou durante o período de intervenção; Auto identificar-se no vídeo final exibido pelas professoras.	Feedback sobre as intervenções por parte das crianças; Apresentação audiovisual composta por imagens e vídeos das próprias crianças realizando as atividades durante as intervenções; Exibição dupla do vídeo: na primeira, com os olhos vendados, apenas ouvindo; na segunda, sem som.	Como as crianças avaliam as intervenções? Quais foram as atividades que as crianças mais gostaram?

4.3 AUTOPERCEPÇÃO DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL, ACADÊMICO E PROFISSIONAL DURANTE A INTERVENÇÃO

O período do ESEF foi, para mim, um dos momentos mais significativos da graduação. Penso que o fato de eu já estar inserida no campo e de ser uma estudante contemplada pelo PIBID aumentou ainda mais minha responsabilidade em construir, junto à minha colega, uma proposta de ensino que fosse realmente diferenciada e que contribuísse ainda mais para a legitimação da Educação Física na Educação Infantil.

Minhas experiências davam indícios de que era possível. Quando os professores sugeriram o tema relacionado às Olimpíadas, nós já fomos na contramão querendo abordar as Paralimpíadas, pois já tínhamos um entendimento

prévio de que esse evento era marginalizado perante às Olimpíadas, embora apresentasse muitas possibilidades a serem exploradas. Isso nos motivou a pesquisar sobre o tema, visto que não tínhamos grande domínio com essa temática, e assim construímos o projeto.

Permanecer quatro anos na mesma instituição, tendo a possibilidade de trocar, me faz acreditar que como professora eu me sentia muito à vontade na instituição e na Educação Infantil. Penso que o momento de observação é muito importante, pois ao mesmo tempo em que estamos inseridos no contexto, não participamos ativamente das ações, o que nos possibilita observar com mais atenção e detalhadamente nosso entorno.

Deste modo, pude compreender que a instituição trabalha como um coletivo, em que cada um tem sua importância no desenvolvimento das funções a serem desenvolvidas, e que os espaços de cada atividade são respeitados por todos, inclusive os da Educação Física e PIBID. A instituição nos acolhe muito bem e, com isso, nas intervenções eu me sentia parte daquele coletivo e muito confiante para realizar o projeto. Diante de uma temática um tanto quanto complexa para crianças com 5/6 anos, acredito que o ponto mais positivo desse projeto foi ver o envolvimento das crianças durante todo o período das intervenções, a vontade que elas demonstravam em conhecer aquele conteúdo e, também, a propriedade que tinham ao relatar aquelas experiências. Isto me fez e ainda me faz refletir que nós, enquanto professores, não devemos subestimar a capacidade de nossos alunos em nenhum âmbito da educação, e que precisamos pensar em possibilidades que potencializem o conhecimento e o aprendizado destes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação inicial do professor de EF ocorre em um período aproximado de quatro anos de graduação, na qual o estudante-professor pouco vivencia a prática e permanece muito tempo na teoria. Momentos como o PIBID/estágio são importantes espaços para que esse aluno possa colocar em prática o que aprendeu na teoria. No entanto, essa constante associação me parece um pouco supérflua diante da grandiosidade que é o momento do estágio. A grande maioria dos trabalhos acadêmicos relacionados ao ESEF apenas descreve como foi a prática, sem muito aprofundamento. Neste sentido, o campo do estágio supervisionado na formação de professores precisa ser tomado, de forma mais consistente, como objeto de estudos pelos docentes e pesquisadores das instituições formadoras – como o é, por exemplo, na área da Educação.

Assim, entendo que maior aprofundamento sobre o tema seria relevante, considerando as muitas e significativas contribuições que um olhar atento sobre o estágio pode trazer para a formação de professores. Para tanto, todavia, julgo necessário que a pesquisa na área passe a privilegiar, também, abordagens que contemplem, dialeticamente, situações macro e micro, relativas ao estágio; generalizáveis (tanto quanto possível), mas preservando as particularidades; com enfoques “teóricos”, fundamentadores, e também descritivos de vivências “práticas” (DEMO, 1994 *apud* PIRES, 2012).

Com isso, considero o PIBID/estágio como um momento muito importante para a formação do acadêmico pois a estrutura tanto do projeto quanto da disciplina proporciona, aos alunos, as possibilidades de aprofundar seus conhecimentos teóricos, de praticar esses conhecimentos e, ainda, de refletir a respeito da prática, possibilitando a construção de novos conhecimentos a fim de melhorar cada vez mais nosso campo de conhecimento e atuação. Contudo, este trabalho se caracteriza por apresentar situação e momentos que acontecem no ESEF, no intuito de promover um importante material para futuras discussões a respeito do tema.

REFERÊNCIAS

BASSANI, Jaison José; PEREIRA, Rogério Santos. Plano de Ensino: **Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar II**. Disponível em: <[https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1438204/mod_resource/content/1/plano de ensino_5873_2015-2.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1438204/mod_resource/content/1/plano_de_ensino_5873_2015-2.pdf)>. Acesso em: 21 de Nov. 2017.

BASSANI, Jaison José; VAZ, Alexandre Fernandez. Esporte, Sociedade, Educação: Megaeventos Esportivos e Educação Física Escolar. **Impulso**, Piracicaba, v. 23, n. 56, p. 87-98, 2013.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação básica**. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file>>. Acesso em: 21 de nov. 2017.

FLORIANÓPOLIS. **Projeto Político Pedagógico, Nei Zilda Arns Neumann. Prefeitura Municipal de Florianópolis**. 2014.

FLORIANÓPOLIS. **Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**. 2015. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/18_06_2015_17.45.09.f15fd281f2a179c83213049c0423f395.pdf> . Acesso em: 20 nov. 2017.

FLORIANÓPOLIS. **A Educação Física na Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**. 2016. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_06_2017_9.23.33.5187fb803460dd1cd26a6eb383715fd8.pdf> . Acesso em: 20 nov. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf/>. Acesso em: 20 nov. 2017.

PIRES, Giovani de Lorenzi. Estágio supervisionado em Educação Física escolar: relatos e apontamentos como demandas à formação profissional. In: NASCIMENTO, Juarez Vieira; FARIAS, Gelcemar Oliveira (orgs.). **Construção da identidade profissional em educação física: da formação à intervenção**. Florianópolis: Ed. da UDESC, 2012, p. 203-234.

RICHTER, Ana Cristina; GONÇALVES, Michelle Carreirão; VAZ, Alexandre Fernandez. Considerações sobre a presença do esporte na educação física infantil: reflexões e experiências. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 41, p. 181-195, 2011.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Educação física na pré-escola: da especialização disciplinar a possibilidade de trabalho pedagógico integrado**. 1996. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

VAZ, Alexandre Fernandez. Aprender a produzir e mediar conhecimentos: um olhar sobre a prática de ensino de Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 11–34, 1999.

_____. Aspectos, contradições e mal-entendidos da educação do corpo e a infância. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 7-11, 2002

APÊNDICE A – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DAS INTERVENÇÕES

1. Criança com vendas, tentando reconhecer um colega.



2. Jogo da memória para deficientes visuais (construído pelas estagiárias).



3. Crianças jogando o jogo da memória com vendas.



4. Crianças vendadas, manuseando objetos.



5. Crianças manuseando um livro infantil em Braille



6. Crianças almoçando sem a visão



7. Repetindo as letras do alfabeto em LIBRAS



8. Criança sendo guia de outra criança vendada



9. Crianças jogando Goalball

